

Abastecimento de Água em Gana Rural: as Mulheres se Beneficiam?¹

Joana Costa, Degol Hailu, Elydia Silva e Raquel Tsukada, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo

A pobreza de renda das mulheres nos países em desenvolvimento é geralmente associado à pobreza de tempo. O tempo que as mulheres gastam em afazeres domésticos representa significativa perda de renda. A provisão de infraestruturas reduz potencialmente a sobrecarga de tempo das mulheres. A economia feita inclui o tempo gasto em buscar, carregar e purificar água. Essa economia permitiria às mulheres se ocupar de atividades remuneradas, dedicar mais tempo para a busca de instrução, ou ter um pouco de lazer. Neste *One Pager*, investigamos o impacto da provisão de água sobre a alocação do tempo das mulheres em Gana rural.

Até o momento a literatura tem apresentado pouca evidência empírica sobre o assunto. Um exemplo é Ilahi e Grimard (2000), que mostram que a falta de acesso à água em zonas rurais do Paquistão reduz o tempo que as mulheres dedicam a atividades orientadas para o mercado e aumenta a sobrecarga total de trabalho das mulheres. Coulombe e Wodon (2008) constataram que o acesso à infraestrutura não afeta significativamente o número total de horas de trabalho de mulheres em Gana. Mas eles sugerem que a economia de tempo de trabalho doméstico, como resultado da provisão de infraestrutura poderia ser usada para atividades remuneradas. Para contribuir para este debate, usamos dados da *Ghana Living Standards Survey, Round Four* (1998-1999) [Pesquisas de Padrões de Vida de Gana, 4ª Rodada]. Analisamos uma amostra de 2.858 mulheres entre 25 e 59 anos que vivem em 190 comunidades rurais. Quatro modelos são estimados para identificar os determinantes do tempo que as mulheres alocam para buscar água, trabalho doméstico, trabalho no mercado e trabalho total.

Observamos tanto uma divisão do trabalho baseada em gênero com uma sobrecarga mais pesada de tempo sobre as mulheres. Atividades não remuneradas (coleta de água e afazeres domésticos) são intensivos no tempo de trabalho das mulheres, enquanto as atividades pagas são intensivas nas dos homens. Cerca de 82,8 por cento dos homens não buscam água nenhuma, e apenas 14,5 por cento deles passam entre 0 e 5 horas por semana nessa tarefa. Em contraste, 66 por cento das mulheres buscam água, e a maioria delas passa até 15 horas por semana fazendo isso. O tempo de trabalho total (trabalho doméstico mais trabalho no mercado) é muito maior para as mulheres. Por exemplo, 19,3 por cento das mulheres trabalham mais de 112 horas por semana, enquanto para os homens uma proporção 10 vezes menor faz o mesmo.

Esta divisão do trabalho e especialização pode implicar ganhos de eficiência para a família e, portanto, comportamento ideal do domicílio. No entanto, as mulheres como indivíduos têm menos controle sobre os bens do domicílio (menos autonomia econômica) e uma maior carga de trabalho. Além disso, também verificamos que menor nível educacional e ter filhos aumenta a sobrecarga de tempo das mulheres. As crianças pequenas forçam as mulheres a limitar sua participação em atividades orientadas para o mercado.

Como é que o fornecimento de água muda o uso do tempo pelas mulheres? De acordo com nossos resultados empíricos, como esperado, a renda per capita da comunidade tem um efeito negativo sobre o tempo gasto para buscar água. Isto significa que viver em um bairro mais rico aumenta a probabilidade de ter água encanada. Se o domicílio de uma mulher não tem acesso à rede, viver em uma comunidade onde mais de metade dos seus vizinhos estão ligados ao serviço da utilidade pública de fornecimento de água significa que existe uma menor probabilidade de ir buscar água de longe (é provável que outros domicílios revendessem água de suas torneiras ou simplesmente deixem-na buscá-la de lá). Devido a esse resultado, seria de esperar um aumento da

participação no mercado de trabalho. Mas verificamos que viver em uma comunidade com acesso a água não aumenta a probabilidade de as mulheres entrarem no mercado de trabalho. Isto não implica, contudo, horas mais longas de trabalho para aquelas mulheres que já estão engajadas em atividades geradoras de renda.

Avaliando o total de horas trabalhadas, a infraestrutura de água parece estar associada com uma menor sobrecarga de trabalho para as mulheres (ver quadro). As horas de trabalho totais das mulheres são menos em comunidades com água fornecida, e menos para aquelas que vivem mais perto da fonte de água. Daí, ter infraestrutura de acesso à água pode reduzir a sobrecarga de tempo sobre as mulheres. Não está implícito, no entanto, que o tempo que as mulheres poupam na coleta da água fosse dedicado a atividades remuneradas. Políticas públicas adicionais são necessárias para atingir esse objetivo, especialmente as políticas relacionadas com a construção do capital humano e à provisão de instalações para cuidados das crianças.

Impacto da Provisão de Infraestrutura na Alocação de Tempo das Mulheres

| | Trabalho Doméstico | Trabalho no Mercado | Trabalho Total |
|--|--------------------|--|----------------|
| Possuindo provisão comunitária de água | Diminui | Diminui probabilidade de participação | Diminui |
| A comunidade fica a curta distância da fonte de água | Diminui | Probabilidade de participação: não significativa Hora de trabalho: diminuem | Diminui |

Nota:

1. Uma versão similar do presente artigo foi publicada pelo Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (CIP-CI) em *Poverty in Focus* 18 (2009). Para uma discussão detalhada ver o documento que acompanha por J. Costa et al. (2009). 'The Implication of Water and Electricity Supply in Ghana for the Time Allocation of Women' IPC-IG Working Paper 59. Brasília, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo.

Referências:

Coulombe, H. e Q. Wodon (2008). 'Time Use and Time Poverty in Ghana from 1991 to 2006'. Documento mimeografado.

Ilahi, N. e F. Grimard (2000). 'Public Infrastructure and Private Costs: Water Supply and Time Allocation of Women in Rural Pakistan', *Economic Development and Cultural Change* 49 (1), 45-75.